

70

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO

12

Movimento

QUINZENARIO
— CINE —
MATOGRAFICO

1\$5



GADO BRAVO

GRANDE FILME
PORTUGUEZ

P O R T O**L I S B O A****C O I M B R A**

SÃO JOÃO
MATINÉE
DE 21 OU 28
DE DEZEMBRO
DE 1933
50 %
2 ENTRADAS

O D E O N
QUALQUER MATINÉE
ATÉ
31 DE DEZEMBRO
50 %
1 ENTRADA

CENTRAL
MATINÉE
DE 22 OU 29
DE DEZEMBRO
50 %
1 ENTRADA

CONDES
QUALQUER MATINÉE
(Excepto aos Domingos)
ATÉ
31 DE DEZEMBRO
25 %
1 ENTRADA

TIVOLI
MATINÉE
DE 17, 24 OU 31
DE DEZEMBRO
DE 1933
30 %
1 ENTRADA

**TEATRO
AVENIDA**
MATINÉE
DE 17, 24 OU 31
DE DEZEMBRO
DE 1933
30 %
1 ENTRADA

B R A G A**A V E I R O**

TEATRO-CIRCO
MATINÉE
DE 17
DE DEZEMBRO
DE 1933
50 %
1 Entrada de plateia

TEATRO-CIRCO
MATINÉE
DE 24
DE DEZEMBRO
DE 1933
50 %
1 Entrada de plateia

TEATRO-CIRCO
MATINÉE
DE 31
DE DEZEMBRO
DE 1933
50 %
1 Entrada de plateia

**TEATRO
AVEIRENSE**
MATINÉE
DE 17 DE DEZEMBRO
DE 1933
30 %
1 ENTRADA

**TEATRO
AVEIRENSE**
MATINÉE
DE 24 DE DEZEMBRO
DE 1933
30 %
1 ENTRADA

**TEATRO
AVEIRENSE**
MATINÉE
DE 31 DE DEZEMBRO
DE 1933
30 %
1 ENTRADA

T O M A R**FIGUEIRA DA FOZ****A L G É S**

**TEATRO
DE TOMAR**
MATINÉE
DE 21
DE DEZEMBRO
DE 1933
25 %
1 ENTRADA

**TEATRO
DE TOMAR**
MATINÉE
DE 28
DE DEZEMBRO
DE 1933
25 %
1 ENTRADA

**TEATRO
PENINSULAR**
SOIRÉE
DE 21
DE DEZEMBRO
30 %
1 ENTRADA

**TEATRO
PENINSULAR**
SOIRÉE
DE 28
DE DEZEMBRO
30 %
1 ENTRADA

**CINEMA
KURSSAL**
DE 20
DE DEZEMBRO
50 %
1 ENTRADA

**CINEMA
KURSSAL**
DE 27
DE DEZEMBRO
50 %
1 ENTRADA

**Vila do
Conde****O V A R****C r u z
Quebrada**

**TEATRO AFONSO
SANCHES**
QUALQUER MATINÉE
ATÉ
31 DE DEZEMBRO
50 %
1 ENTRADA

CINE-OVAR
MATINÉE
DE 17
DE DEZEMBRO
DE 1933
50 %
1 ENTRADA

CINE-OVAR
MATINÉE
DE 24
DE DEZEMBRO
DE 1933
50 %
1 ENTRADA

CINE-OVAR
MATINÉE
DE 31
DE DEZEMBRO
DE 1933
50 %
1 ENTRADA

CINE-PRAIA
QUALQUER
ESPECTÁCULO ATÉ
31 DE DEZEMBRO
20 %
1 ENTRADA

movimento

número 12

quinzenário cinematográfico

15 de Dezembro

1 9 3 3

capa, comp. e imp. da
tip. costa carregal
tr. passos manuel, 27
p ô r t opropriedade de
armando e armandoassinaturas:
6 números — 9\$00
12 números — 18\$00
avulso 1\$50

administrador e editor: armando barros

redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—pôrto

este número foi visado pela comissão de censura

No Natal

SONORO-FILME

Envia ao Porto

RAQUEL MELLER



para apresentar no

São João - Cine

a sua interpretação de beleza e sentimento em

VIOLETAS IMPERIAIS

Distribuição para todo o paiz da

Companhia Cinematográfica de Portugal
L I S B O A



Agfa

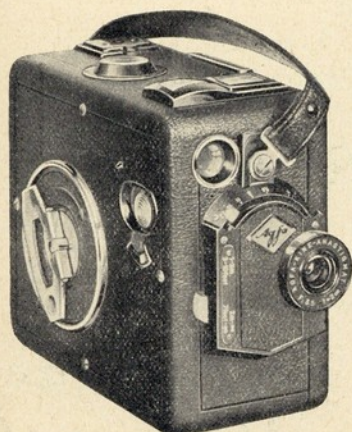
Agfa

Agfa

Agfa

Agfa

Agfa



Já experimentou
o AGFA-MOVEX?

CINEMA PORTUGUÊS

Um grupo belga «A Caravana» percorre ha meses o nosso país, desde o Minho verde ao branco Algarve, aproveitando o pitoresco inexplorado dos nossos costumes, dos nossos cantares, dos nossos trajes regionais e a beleza inexgotável das praias recortadas, dos plainos férteis, dos campos floridos, para um filme que se chamará «A Pagã».

Fala-se insistentemente na vinda a Portugal de um conhecido produtor alemão que formará, com elementos nacionais uma nova fonte de filmes.

Duas organizações portuguesas — A «Tobis» e o «Bloco H. da Costa» — começaram activamente a trabalhar, tendo a Tobis apresentado já o seu primeiro grande filme — «Canção de Lisboa» — e devendo o Bloco H. da Costa apresentar por todo o mês de Janeiro próximo o «Gado Bravo», seu também primeiro grande filme.

Finalmente Leitão de Barros, com independência de movimentos, prepara-se para iniciar um filme que vai chamar-se «A Balada de Coimbra».

Parece que o cinema começa definitivamente a nascer em Portugal e que Portugal começa definitivamente a nascer para o cinema. O momento é portanto o mais oportuno possível para que se digam meia dúzia de palavras necessárias aos productores e ao público.

Aos primeiros compete — embora não pondo de parte as necessidades do seu negócio, o que é perfeitamente justo e admissível — produzir filmes que possam passar afoitamente as fronteiras, levando às plateias estrangeiras, muito mais exigentes do que as nossas, alguma coisa que seja, sim, a obra de um povo pequeno e modesto, mas que seja também a obra de um povo que sabe distinguir o bom do máu, o belo do horrível, o justo do injusto.

Ao segundo compete acarinhar e amparar com o seu interesse, o seu concurso, o seu auxilio e o seu aplauso, uma iniciativa que representa esforço, coragem, tenacidade e arrôjo.

Num país como o nosso, em que todos prometem e pouquíssimos cumprem, é sempre digno de aplauso aquêlê que sai da rotina e consegue, com maior ou menor acêrto, caminhar.

Sabido é que na nossa terra é necessário dizer as coisas muitas vezes para que alguns as ouçam e um ou dois as fixem. Por isso repito aqui o que disse ha dias, na nossa festa: o modo como o público do Pôrto recebeu a «Canção de Lisboa», foi uma feia atitude, sem patriotismo, sem justificação e sem justiça.

«Canção de Lisboa» tinha defeitos, mas também tinha qualidades. Não era um filme nitidamente bom, mas era um filme nitidamente suportável, muito melhor, pelo menos, do que dezenas e dezenas de filmes americanos e franceses que passam nos nossos écrans.

Os criticos exageraram sem vergonha os elogios e exageraram sem justiça as coisas desagradáveis que disseram.

Uns e outros devem estar satisfeitos com as suas consciências ou, o que me parece mais acertado, com as suas inconsciências.

Meus senhores: tenham paciência. Mas bem civilizado é o povo francês, e não tem vergonha de se manifestar.

Essa coisa de assistir à primeira exhibição de um filme português com a mesma indiferença e com menos interesse talvez do que assistiriam à exhibição de um filme brasileiro, espanhol ou chinês, tem de acabar.

É necessário aplaudir, pelo menos o esforço, pelo menos a audácia. E tudo o mais são lérias.

É natural que as minhas palavras se percam, pelo menos entre as pessoas nascidas nas gerações passadas, no tempo em que os teatros possuíam camarotes preparados de modo a que fôsse possível assistir ao espectáculo sem ser visto da sala e destinados às pessoas de luto, como se não fôsse exactamente quando um grande e inevitável desgosto nos punge que mais necessidade temos de distração e movimento, como se a opinião indiferente e fria daqueles que não sofrem, não sentem nem comprehendem, pudesse influir sôbre nós que sofremos, comprehendemos, sentimos!

É absolutamente possível, portanto, que todos os que nasceram nêsses tempos, me não comprehendam nem aproveem.

Mas vocês, rapazes e raparigas da minha geração! vocês têm o direito da vossa idade, do vosso tempo, das liberdades e das franquezas que êle traz consigo.

Já que vos deixastes levar na onda fria do silêncio para com a «Canção de Lisboa», que não era de facto um grande filme, mas era um filme português, penitenciái-vos daqui a um mês com «Gado Bravo» e aplaudi sem vergonha, se o filme vos agradar.

armando vieira pinto

O Cinema à conquista da liberdade

Diz o grande escritor brasileiro Tristão de Ataíde, no seu ensaio «A mecânica e o cinema»: «O cinema, como hoje o temos, ainda não chegou a balbuciar as primeiras palavras em relação ao que poderá vir a ser. E o erro capital até hoje tem sido, a meu ver, de julgar que o cinema veio apenas transportar a arte dramática, do plano horizontal para o plano vertical... O cinema permite, pela sua forma particular de movimentação, de sucessão, de simultaneidade, uma expressão inteiramente subjectiva e unanimista das coisas. Tudo o que os poetas modernos tem procurado em vão exprimir pelos meios poéticos poderá provavelmente encontrar uma expressão muito mais adequada e viva na tela do cinema». Eis indicado, em poucas palavras, um dos grandes erros do passado e do presente do cinema, e o talvez maior horizonte que se desenha para o seu futuro. Com efeito, o cinema, como todas as artes nos seus primeiros tentes, acolhe-se ainda timorato e envergonhado da sua pessoa, à sombra das artes de cujo ventre nasceu. E foi principalmente do teatro que ele nasceu. Mas o teatro, seja tragédia, drama ou comédia, tem de ser uma intelectualização, uma redução a um único plano de vida da multiplicidade do homem. Ainda que tente desviar-se, o teatro não pode, sem deixar de ser teatro, afastar-se muito da velha lei de unidade clássica de tempo, lugar e acção. No teatro tudo tem de ser reduzido a limites, sintetizado, esquematizado: expressão, acção, ideia, sentimento. E reduzir, sintetizar e esquematizar é, indubitavelmente, intelectualizar. Por lei interna, constitutiva, o teatro é e deve ser assim. Ora, por lei interna e constitutiva (lei que contudo ainda não se pôs a claro tanto quanto é necessário, e daí os tentes e os equívocos do presente) o cinema está a uma enorme distância do teatro, já que os limites indispensáveis no teatro são nele freios a impedir-lhe a vida própria.

Cada arte utiliza uns certos sentidos do homem; não se pode exprimir a mesma coisa numa pintura e numa escultura; cada arte, também, se presta diferentemente a traduzir os estados interiores que movem o artista à criação. Portanto, quer pelo que diz respeito ao que tem a exprimir de si, quer quanto aos meios de o exprimir, o artista não é indiferentemente escultor ou romancista, compositor ou dramaturgo. O equívoco sobre as afinidades do teatro e do cinema está em que, à primeira vista, ambos são de ver e ouvir, interessando portanto os mesmos sentidos. Como se apenas disso se tratasse! Vejamos: apesar de certas tentativas para deshumanizar o teatro, este não vive — a não ser que o confundamos com a pantomina ou a dança, e mesmo assim a sua humanidade não se esvai de todo, — fundamentalmente, senão da oposição de caracteres, do embate de homens. O teatro é acção, e não há acção sem humanidade.

Ora no cinema as coisas sucedem de maneira bem diferente: é que ele é tão apto à expressão do drama ou da comédia humanos, como à das coisas a que se chama inanimadas. Cabem nele todas as dimensões do que é humano como do que é extra-humano. Um gesto e o canto numa ave; um franzir de boca e uma clareira ao luar; as inumeráveis faces do homem e as inumeráveis faces das coisas. E porque a sua riqueza de meios de expressão e de elementos de expressão é enorme, é imenso o campo aberto à criação de obras de arte cinematográficas. Daí a verdade da afirmação de Tristão de Ataíde com respeito ao futuro do cinema.

O homem de hoje vai alargando cada vez mais o abraço em que tenta apertar o mundo. À clássica ansiedade de compreensão da vida, substitui-se hoje a ansiedade pela comunhão com ela. O homem já não ambiciona ser um espectador, o seu ideal já não é o de ser o perfeito espectador que tudo compreende e explica. Não; o homem quer contactar todas as realidades, não para as dominar, conhecendo-as, mas para as amar, integrando-se nelas.

O teatro exprime conflitos: e portanto, só vive de paroxismos, de cumes. O primeiro acto duma peça de teatro pode dar-nos a normalidade; mas é uma normalidade prenhe de qualquer próximo lance agudo; um primeiro acto é uma ante-véspera, em véspera de um acontecimento sensacional. Ao passo que o cinema pode não nos dar mais que o quotidiano mais vulgar. Parece pouco, parece inútil, insignificante? Parece coisa indiferente à arte? Não o é. No quotidiano e na normalidade há mundos a desvendar. José Régio bem o sabia quando pensou escrever um ensaio sobre «A poesia quotidiana»; sabem-no os poetas modernos que buscam a beleza e a emoção nas pequenas coisas que passam despercebidas a quasi todos. Tem de sabê-lo os realizadores que não queiram deitar a perder um manancial inexgotável. Não que o cinema tenha apenas o quotidiano para si: mas é certo que ele, como nenhuma outra arte, pode servir a dar realidade artística a essa zona tão pouco, ou tão mal, expressa até hoje.

Oiço muitas vozes fímidas que melopear respostas sobre o cadáver do cinema; julgam-no morto, e julgam que com os seus respostas vai uma lágrima de saúde. Ilusão! como eles o compreendem mal, que até o creem morto! Mortos são eles, pelo menos para a compreensão da forma de arte talvez a mais expressiva dos nossos tempos. Comparam-o com o teatro, com a literatura, e querem convencer-nos da sua pobreza, da sua inferioridade em relação a eles. Como se o afinamento através duma experiência muitas vezes secular não puzesse o teatro ou qualquer arte com uma longa história na impossibilidade de ser posta em paralelo com o recém-nascido cinema! O cinema é do nosso século. Tem crescido por entre os nossos dramas e as nossas angústias. Todo ele é um contínuo aflorar de tentativas, uma constante busca de ponto de apoio. E querem-no eles a singrar em linha recta, de rumo infalível! Quem lhe reza por alma pertence àqueles em cuja frente a flecha da «directão única» não deixa ver os caminhos hipotéticos e imprevistos. E como o cinema é um adolescente incerto do seu caminho, hesitante em face ao panorama inexgotável das vidas possíveis, como o cinema é prenúncia, potencialidade, riqueza de mina de ouro apenas adivinhada, esses que querem ser os seus coveiros preferem chorar-lhe a morte, a ter fé nos seus destinos.

Pois bem: o cinema passará bem sem eles. A sua força é a sua juventude. Vale mil vezes mais a incógnita da sua ainda incerta primavera, que o esgotado cansaço das artes que já são demasiado velhas para dar frutos saborosos.



Uma das cenas mais culminantes de «Gado Bravo» deve ser, sem dúvida a da tourada. Aqui temos Raúl de Carvalho, o Manuel Garrido do filme, recebendo as ovações da praça, com Nita Brandão encostada ao coração.

Vocês qual preferiam? As palmas, ou o abraço? Pela minha parte confesso que não preferia as palmas.....

Crónica da quinzena

DE LISBOA

Uma ótima abertura, com «O Impedido» e um notável fecho com «Madame Butterfly», foram as características salientes da exibição cinematográfica na quinzena que agora acaba.

Ao primeiro daqueles filmes é feita no presente número a competente crítica, mas cabe frizar aqui a apatia do público da capital perante essa realização de Tourjansky, cheia de bom gosto e ciência, desde a criação dos ambientes ao recorte dos personagens, desde o desenvolvimento do conflito até às virtuosidades da técnica.

Desconheço o conto de Maupassant que serviu de tema e inspiração a Tourjansky; mas a alguma coisa que tenho lido do célebre contista francês fornece-me os elementos suficientes para afirmar que a *forma cinematográfica* por que foi desenvolvido em imagens o curioso assunto de «L'Ordennance» corresponde inteiramente à *forma literária* Maupassant.

E isto, evidentemente, um elogio à obra do realizador russo, desde que se conheçam as qualidades de estilista primoroso que em abundância possuía o autor de «Mademoiselle Fifi» e de «Maison Tellier».

Pois não obstante o seu valor claramente invulgar, «O Impedido» não conseguiu interessar a maioria, não foi compreendido pela «élite» e, estranhamente, não foi premiado pela crítica, que lhe regateou os aplausos habitualmente esbanjados com certas *tarzanadas* de mau gosto.

Numa sala em que os programas se conservam, vulgarmente, duas e três semanas, com *bichas* à porta e lotações esgotadas, «O Impedido» não logrou mais do que uns sete dias difíceis de exibição, perante um público pouco numeroso e quasi todo incapaz de compreender e apreciar o filme, digno de melhor sorte e de maior atenção.

Esses centenas de rapazinhos que diariamente e em todos os cantos apregoam o seu amor pelo Cinema faltaram em peso, mostrando uma vez mais aquilo que tantas outras teem mostrado: no cinema só lhes interessam as atitudes descompostas da Marlène, a beijola caída do Chevalier e quejandas frivolidades.

O resto — a Beleza, a Emoção, a Arte e a Vida — é muito bonito para ser discutido à mesa do café, depois duma piada bréigeira e antes dum bocejo ocioso.

Creio que todos os que possuem inteligência, cultura, gosto e conscienciosamente frequentam as salas de cinema, agradecerão depois de verem «O Impedido» e com êle se maravilharem, a indicação que dou de não deixarem de assistir à exibição desse filme excepcional.

«Madame Chrysanthème», o romance de Pierre Lotfi foi transposto para o *écran* através da versão teatral lírica de «Madame Butterfly» e com este último título começou a ser exibido em Lisboa na altura em que escrevo.

Contra o costume em casos idênticos, o *espírito* da conhecida obra literária em nada foi alterado na sua realização cinematográfica. Transplantando-se o tempo da acção para a actualidade, conservaram-se, contudo, os sentimentos dos personagens e os ambientes de exotismo tradicional.

Técnicamente o filme apresenta a perfeição habitual nas produções americanas de categoria; e de excepcional possui a interpretação da espantosa artista que é Sylvia Sidney.

A cena do primeiro encontro com o «venérable lieutenant» Pikerton, o casamento, o

idílio constante daquele noivado tão curto, a descoberta do retrato da noiva... do seu marido, são outros tantos momentos que imporiam Sylvia Sidney à admiração de todos, se com ela não contasse já. Mas é na segunda parte de «Madame Butterfly», nesse calvário doloroso, entrecortado de instantâneas esperanças, é nas conversas com o filho, é nos preparativos para o regresso do marido, é na cena final, que Sylvia Sidney nos empolga, nos arrebatou, nos prende e nos subjugou, obrigando a comovermos com o destino da deliciosa e ingénua figurinha de Chô-Chô-San.

Nesta metade do filme Sylvia Sidney apresenta sempre, está sempre diante dos nossos olhos. E tam alto leva a sua interpretação que, além dos olhos, são também os nossos corações que ela arrebatou e entusiasma.

alexandre de serpa

DO PORTO

Morreu Chaby Pinheiro. O que é o destino. Enquanto, na alegria da nossa festa, Vasco Santana o imitava soberbamente recitando «O Melro» o grande actor agonisava.

Chaby, um dos da velha guarda! Recordo com tristeza e saudade a primeira vez que lhe falei, ha doze anos, exactamente.

Tinha eu quinze, essa idade em que nada nos parece impossível e basta abrir os braços para atingir estrélas...

As coisas de arte tinham para mim nesse tempo o raro sortilégio que têm as coisas vedadas, misteriosas, envoltas numa névoa sagrada que os olhos dos profanos só muito a custo e lentamente rasgam.

Estava no quinto ano do liceu, e foi em Viana do Castelo, na salinha provinciana e simples do Hotel Central, um piano ao canto, os moveis cobertos por camisas de pano crú, que Salvato Feijó, sobrinho do poeta António Feijó me apresentou.

Naquele tempo a aproximação de um homem como esse grande Artista que nunca mais veremos era para mim um caso grave. Depois...

Nunca mais! Os senhores já pensaram a sério no significado triste desta duas palavras tam banais?

A mim faz-me arrepios. Nunca mais! A eterna impossibilidade, a impotência eterna. Uma voz que pouco a pouco se apaga, uma inteligência, um coração, um ser que desaparece para sempre.

Outras duas palavras trágicas, estas Para sempre! isto é: uma distância que não poderemos conceber nem medir, um abismo que nenhuma fé, nenhuma esperança, nenhuma dor, nenhum desejo seria capaz de encher!

E depois desse dia distante em que o grande Artista desaparecido poisou por momentos o seu olhar em mim — em mim pobre estudantinho de provincia que tinha apenas uma grande sede de belêsa, um desejo infinito de saber — as pessoas que a morte arrebatou, Santo Deus!

Os senhores já pensaram na Morte? Eu penso muitas vezes, com tristeza, mas sem horror.

E quanto mais penso, mais me convenço de que afinal os únicos que poupa, são aqueles que leva.

armando vieira pinto



a canção do teu chaile

Além, naquele valado,
Fez o ninho uma andorinha;
Se eu não for para soldado
Meu amor has-de ser minha.

Na roda caíram
As franjas dum chaile;
Quem tem coisas dessas
Não vem para o baile.
Não vem para o baile,
Nem sai em cabelo,
Não falem d'amor,
Que eu não quero vel-o.

Encostei a minha mão
Ao tronco da romanzeira,
Embora digas que não,
Já te dei a vida inteira.

Não vás tão depressa
Que não é preciso;
Quem regeita um beijo,
Perdeu o juízo.
Perdeu o juízo,
Perdeu a vontade;
Quem regeita um beijo,
Não fala verdade.

antónio botto

RAPAZES,

vamos criar um club cinematográfico?

Da nossa paixão pela arte cinematográfica nasceu «Movimento». Foi empreendimento arriscado, aventura que podia ter-nos custado cara. Mas todos nós somos novos, atrevidos e sem medo. A aventura, longe de nos amedrontar, seduziu-nos. E lançamo-nos em frente, com a coragem de que o nosso entusiasmo moço nos enchia. Sabíamos as dificuldades que teríamos de enfrentar. Tinhamos, se não a experiência, pelo menos o exemplo de tantas revistas que nasceram dum rasgo aventureiro e que morreram inglôriamente ou se arrastam aos encontrões da sorte. Nada nos conteve, porém. Viemos para a rua, alegremente, de cabeças erguidas, enfileirar a par daqueles que já cá estavam defendendo essa arte que nascera comnôco e nos apaixonára.

O ambiente de simpatia que nos cercou, que cresceu dia a dia, deu-nos fôrça, prometeu-nos a certeza da vitória.

Começamos então realizando um plano que a princípio não ousáramos anunciar. A série de conferências pelo rádio que promovemos e que um sucesso mais largo do que esperavamos veio coroar, a publicação de pequenos cadernos de vulgarização cinematográfica que presentemente estamos editando, é uma parte desse plano, mas muito pouco, ainda, do que desejamos fazer. O nosso carinho, o nosso interesse, a nossa paixão pelo cinema tornam-nos ambiciosos. Queremos ir mais longe.

Vamos tentar, agora, a criação dum club cinematográfico em Portugal.

Não se trata duma brincadeira nem estamos dispostos a fazer as coisas de cabeça leve. Sabemos no que nos vamos meter, estudamos já a possibilidade do êxito dos nossos intentos e, se a vossa adesão não nos faltar, a criação do club cinematográfico não tardará a realizar-se.

O que será esse club cinematográfico?

Uma associação organizada nos moldes habituais, cujos associados pagarão uma cota pequenissima que não excederá, na pior das hipóteses, quatro ou cinco escudos mensais e que terá por fins:

1.º—Promover, uma, duas ou mais vezes por mês, espectáculos em que serão exibidas as mais cu-

rias realizações cinematográficas, desde os velhos tempos até aos nossos dias (filmes de Chaplin, Stiler, Fritz Lang, Pabst, Murnau, Dupont, Sjostrom, Robert Wiene, Flaherty, Pudowkine, Eisenstein, René Clair, Feyder, L'Herbier, Lupu Pick, etc.), permitindo fazer-se um cuidadoso es-

tudo da evolução do cinema e suas escolas (sueca, francesa, italiana, alemã, americana e russa).

2.º—Organizar pequenas conferências sôbre os filmes a exhibir em cada sessão.

3.º—Apresentar filmes inéditos (que as necessidades comerciais dos cinemas públicos não permitam exhibir) dando a conhecer obras vanguardistas de cineastas estrangeiros.

4.º—Reexibir filmes de mérito, ainda pouco conhecidos porque a cretinice de certo público os expulsou das telas dos nossos cinemas após uma ou duas apresentações («Assim é a Vida», «As aventuras do Príncipe Achmed» etc.).

5.º—Criar uma biblioteca, fornecida com revistas e livros de técnica e de doutrina cinematográfica.

6.º—Entrar em relações com idênticas associações estrangeiras para troca ou empréstimo de filmes.

Tudo isto, que parece muito ou muito difícil, se pode conseguir. A ideia do club cinematográfico, de resto, não é nova. Outros a levantaram já por diversas vezes. Faltou, todavia, nessas alturas, uma vontade decidida, uma fôrça empreendedora que a tornassem realidade, que lhe dessem vida. Nós vamos tentar aquilo que os outros não tiveram coragem senão para expôr em artigos que ficaram inúteis.

Simplesmente é preciso começar pelo princípio. Sósinhos nada poderemos fazer. Precisamos da vossa adesão e da vossa confiança. E se juntarmos à nossa volta número suficiente de adesões, criar-se-á imediatamente o primeiro club cinematográfico português.

Por hoje isto é apenas uma ligeira exposição do plano. Vocês vão pensando nisto, escrevam-nos dando sugestões e no próximo número continuaremos.

E agora é que quero vêr onde estão e quantos são os verdadeiros amigos do cinema.....

a l v e s c o s t a



Os «Dois corações a compasso» foram mesmo a propósito: o nosso e o das cinéfilas nossas amigas ...

A Festa Brava do «MOVIMENTO»

Eu não sou profissional da imprensa e ainda bem. Nunca fui profissional de coisa alguma. Eu não sou, portanto, reporter. Só à falsa-fé. Conseqüentemente, não posso fazer uma boa reportagem da nossa festa, da festa do «Movimento».

—Menino, estamos todos na mesma e à falta de gente, tens de intervir — foi a imposição do Armando.

Ora eu principiei por não ser o primeiro a chegar e portanto não poderei dar-lhes o relato em primeira mão. Èle há, por êsse mundo fóra tantos competidores que metem o nariz onde não são chamados!

Quando cheguei encontravam-se no gabinete da gerência do S. João, o Alves Costa e o Armando: o primeiro cada vez mais louco da Malásia e o segundo com cara de quem tem de fazer um discurso às massas daí a uns quartos de hora — os tais, os de Rabelais. Contrastavam na cena admiravelmente. O Alves Costa ria constantemente com aquele riso aos saltinhos que lhe vai muito bem à côr do rosto.

O rosto do Armando é que era um caso muito sério. As boas tardes que me deu foi logo uma descompostura já não sei a que propósito — talvez de nada. Para acalmar e ganhar pé, fomos então apalpar a acústica da sala, imersa naquela penumbra vasia e vaga onde se adivinhavam indistintos rumores, inadvertidos e suspensos, talvez ainda o último eco do respirar oprimido e ansioso do sem número de espectadores que por ali passam, que ali vivem dois instantes efêmeros da sua vida de todos os dias.

Como, porém, ia dizendo e contando, ficamos os três na sala — eu, o Alves Costa e o Armando — e verificamos que o Armando tinha afinal uma esplêndida voz de barítono.

— Até parece o Boyer, filho! — disse o Alves Costa para dispôr bem o Armando. Eu concordei logo. Depois veio aparecendo o resto da *companha* como dizia eu na canção do programa. Estavam todos fixes, na-verdade.

O transfuga do mano Serpa, o arranha-céus do Casais a contrastar (na política, já se vê) com o Horácio de Castro Guimarães, o objectivo Chico Viana, o Carlos Carneiro para o qual eu não houve meio de conseguir cá do bestunto uma quadra na canção da festa, tam perfeito e acabado êle é, uma carta do Fernando Barros e outra da Marianela a dizer «*presente*», etc.... O *etc.*, é muito bom para as faltas de memória. Também apareceu o *outro Armando*, o de Barros, com a sua pasta de ministro das finanças do barco e as bolinhas do sorteio para a viagem a Lisboa, que por um pouco lhe iam avariando a bola.

O Manuel de Oliveira e o ex-austero Vasco Rodrigues vieram depois, desejosos também como nós todos, de não chegar primeiro. O Alexandre de Médicis atingiu mesmo o *record* não querendo sequer aparecer no palco, o que foi mesmo uma pena.

Vocês, leitoras, não acharam, que êle se saiu tam bem naquele segundo intervalo em que veio ao proscénio agradecer à selecta assistência? Aquilo era comvôsko, pequenas! Preferiu ir para o balcão central ouvir a *palração* do Armando, só se dignando aparecer no palco depois de corrido o pano para vir dar a novidade de que o Armando se tinha saído muito bem. Eu também achei. Todos nós achamos.

Olha a novidade: o Armando sai-se sempre bem. Haja em vista — isto é.... cala-te bôca!

....E sem piada à «Canção de Lisboa», porque foi decidido aqui na redacção, dar tréguas às piadas, como verão em nota da «Vala Comum». O «Cinéfilo dos 4 costados» correspondente do Amok é que deve estar contentíssimo. Parece que embirrava solenemente que eu tivesse piada. Eu é que nunca dei por isso. Franca-mente, francamente — vocês achavam? Se calhar era por eu não levar nada a sério — nem a Invicta.... cala-te, bôca!

Lá estou eu a fugir às decisões da redacção e novamente ao assunto.

Entrando, pois, próprio-mente no dito: a nossa festa foi, na verdade, *festa brava*, Como a sessão principiava mais cedo do que o costume e em dia azarento — uma terça-feira — o Médicis ainda disse: lagartos, lagartos! Mas, qual quê? Não há azar que nos tombe. A casa encheu-se de cinéfilos e principalmente de cinéfilas, alegres, moças, vivas e inquietas como arvólas, simples e frescas como um pequeno ramo adolescente de amendoeira em flôr, tagarelas e risonhas como um veio de água entre quebradas.

Obrigados, raparigas! Obrigados pelo bem que nos fizestes no meio de tanta estupidez, tanta maldade e tanta inveja que nos cercam. Obrigados pela nota de frescura primaveril que viestes trazer a êste outôno doirado, mas doentio. Raparigas, obrigados pela saúde que nos dêstes — embora todos nós estejamos bons de saúde, graças a Deus.

Obrigados a vocês e ao bom amigo do Vasco Santana, o inimitável Vasquinho da Anatomia que, com a sua incomparável *verve*, veio dar todo o brilho e todo o encanto à nossa festa, tornando-a mais brava ainda com a recitação duns engraçados versos de José Galhardo.

— Obrigado, oh! Vasco!....

Pêna foi que a nossa madrinha não tivesse vindo à festa, mas a culpa foi dêsse palerma do Alves Costa que foi para a pândega em vez de ter ido ao «Sá da Ban-beira» convidá-la, conforme o Armando lhe tinha dito. É um palerma, o Alves Costa.

— Desculpe, oh! Beatriz!

O Armando quando a vê até se esconde nos portais, mas não é cantando ou assobiando alegremente como na paródia do «melro» que o Vasco tão bem recitou. É de pura vergonha!....

É que mais será necessário dizer, além de que o caderno do Armando se vendeu tanto como os chocolates? De resto, a reportagem está feita — mesmo à falsa-fé. Alegria e boa disposição. Os «dois corações a compasso» foram mesmo a propósito: o nosso e o das cinéfilas nossas amigas. Quanto ao «Inferno», foi para animar os nossos inimigos que deviam estar fervendo num, com a nossa festa.

— Então? Sou ou não sou reporter?

l u í s g u e d e s

Vala Comum

Surpreendeu-nos de um modo profundamente doloroso a notícia da morte repentina do Dr. Campos Monteiro, médico distintíssimo e homem de letras ilustre.

Perde-se, com a sua morte um dos melhores, senão o melhor humorista da actualidade portuguesa, doublé de romancista vigoroso, poeta delicadíssimo e autor teatral de brilhantíssimo talento.

«Movimento» apresenta aos seus filhos e nossos amigos Heitor e Germano a sentidíssima expressão do seu pezar. E eu próprio, repito-lhes estas palavras que me foram ditas, no dia em que a mesma dôr sem igual me feriu: «êle era bom, deve estar bem...»

Armando Vieira Pinto.

*

Acabamos de averiguar que o autor da meia dúzia de obscenidades que no n.º 80 da «Maria Rita» nos foram dirigidas debaixo do pseudónimo *Sarcei senior*, é o famigerado senhor Eduardo dos Santos (Edurisa).

Pensamos primeiramente em lhe dar açoites. Mas como pôr as mãos num repelente bicho como o senhor Edurisa implicava complicadíssimas desinfecções, resolvemos perdoar-lhe, limitando-nos a declarar publicamente o nosso desprezo pela sua cretinice sobejamente comprovada. Se no entanto o senhor Edurisa se resolver a ser homem na verdadeira acepção da palavra, apareça por cá e verá o trambolhão que apanha...

*

Por absoluta falta de espaço não nos foi possível no número anterior apresentar a Mário Figueiredo os nossos parabens pela crítica inteligente que fez à «Canção de Lisboa». A sua atitude é tanto mais louvável quanto foi servil e asnática a dos críticos dos nossos outros dois diários.

Apresentamos-lhe agora os nossos aplausos, com menos oportunidade, mas com a mesma sinceridade e o mesmo prazer.

*

Após uma forçada ausência registamos com alegria o regresso do nosso camarada Alberto de Serpa. Bemvindo seja o filho pródigo.

*

Chega-nos a notícia de que fechou contracto para a distribuição exclusiva em Portugal dos filmes «Pittaluga» o nosso amigo Eduardo Silva Pereira, de Coimbra.

Ainda este ano veremos, desta casa que foi célebre no tempo do mudo, o filme «ARMATA AZZURRA» de que os principais intérpretes são: Germana Faolieri, Leda Glória, Alfredo Moretti, Ennio Arlesi, etc., e o realizador Genaro Righelli.

*

«Movimento», deslealmente acolhido por aqueles que trabalhavam no jornalismo cinematográfico com os pobres meios ao seu alcance, já demonstrou suficientemente que nem tem medo nem é péco.

Acabaram-se as «piadas», as polémicas e todas as brincadeiras no género.

Diga quem quizer o que muito bem lhe apeteça, «Movimento» nunca mais responde.

*

Os nossos bônus aumentam, incluindo o presente número senhas de desconto para os cinemas: Central e Condes, de Lisboa e Teatro Peninsular, da Figueira da Foz. As respectivas empresas, os nossos agradecimentos.

*

«Invicta-Cine» publica num dos seus últimos números um artigo inteligente de S. O., cuja doutrina apreciamos e aplaudimos. Nêsse artigo S. O. justifica a sua atitude de luta permanente com o baixo comercialismo do cinema de hoje, indo mesmo ao encontro da errada opinião da grande massa do público e desprezando o sucesso de bi-heteira dêste ou daquele filme para o apreciar apenas pelo que contenha de valor ideológico, de belésa e de mérito artístico.

Estamos de acôrdo e gostamos do desassombro.

*

Recebemos com imenso gôsto e agradecemos a visita de «*Nuestro Cinema*», a jovem e fogosa revista espanhola que Juan Piqueras dirige.

«*Nuestro Cinema*», cuja aquisição aconselhamos aos nossos leitores que se interessam a sério pelos problemas cinematográficos, é uma das raras revistas que ousa erguer o cinema, como instrumento de cultura das massas, a arma poderosa de renovação social, ao mesmo tempo que o defende corajosamente da baixez e do conformismo que hoje o subjagam.

*

Um certo senhor Loubet voltou a abrir uma carta dirigida ao nosso director. Foi porém resolvido que nenhum de nós conheceria senão as pessoas que sabem ler, escrever e lavam todos os dias pelo menos as mãos.

*

À Livraria Aillaud e Lelos, e em especial ao nosso amigo Artur Gra, agradecemos imenso o interesse e as atenções que têm tido para com o «Movimento», e aproveitamos a ocasião para recomendar aos nossos leitores de Lisboa as montras daquela livraria (onde se encontram a nossa revista e os nossos cadernos) e que são, na especialidade, as mais notáveis da capital.

*

Recebemos à última hora a notícia de que, no IV Salão Kodak, o nosso colaborador e amigo Francisco Viana foi classificado em 2.º, 3.º e 4.º lugares, obtendo também os seus trabalhos o 1.º, 3.º e 4.º lugares da secção Hank Eye.

Abraçamo-lo e regosijamo-nos pelo seu merecido e justíssimo triunfo.

O HOTEL DO AMOR

Um filme da ANNY ONDRA

Vocês gostam muito, muito da Anny Ondra? Fazem muito bem. Ela é de facto um amor de rapariga e os seus filmes são sempre uma delícia de graça, movimento e alegria.

Pois eu, pela parte que me toca não gosto, e vou dizer-lhes porquê.

Vocês já pensaram no que será ter em casa um bichinho daqueles? Não pensaram? Pois então pensem, e vejam lá se não seria pouco mais ou menos isto: os papeis do artigo que na véspera ficara em meio, transformados por artes mágicas em papelotes para o cabelo; o sabão da barba, na gaiola do canário; a alpista do mesmo, na caixa do pó de arroz; o café, com sal em lugar de assucar; o nosso pijama a cobrir um lindo corpinho endiabrado, enquanto na nossa cama nos esperaria, em substituição, uma linda camisinha de rendas; enfim o Paraíso autêntico, correcto e aumentado, com chauffage central, pão torrado ao almoço, e tudo virado do avesso.

Pois meus queridíssimos amigos, aqui estão pouco mais ou menos as coisas que a deliciosa Anny vai fazer num hotel, «O Hotel do Amor», com duas gravíssimas diferenças.



35



Três fotografias do filme «O HOTEL DO AMOR», com Anny Ondra, que o S. João apresentará.

É que, como as diabruras se passam num hotel e um hotel é muito maior que uma casa particular, as tropelias devem ser em larga escala; e, como as vítimas não somos nós, vamos achar-lhe, é claro, imensíssima piada.

Vamos a vêr se consigo contar-vos rapidamente o argumento do «Hotel do Amor».

Hanne, uma loirinha encantadora (Anny Ondra) lê um dia num jornal que um notário a procura por causa de uma herança. Apresenta-se. E vem a saber que a morte de uma tia desconhecida a tornara proprietária do Hotel Atlantik, em Neusand. Anciosa por conhecer o seu novo domínio apressa-se a partir para ali.

Existe em Neusand um luxuoso e rico hotel. Hanne apresenta-se, afirmando ser a nova proprietária, o que lhe rende o ser considerada doida por toda a gente.

Depois, porém, de várias complicações, desfaz-se o equívoco tomando Hanne conta do seu hotel, uma pobre hospedaria situada na zona pobre da terra.

A sua desilusão é enorme. E apenas a companhia alegre de três rapazes, um músico e dois pintores — os únicos hóspedes do Hotel — a distrai um pouco.

Na manhã seguinte à instalação recebe-se no Hotel um telegrama dizendo: «Reserve primeiro andar para Klaus Petermann».

Klaus Petermann vem, diz que não fica, mas depois sempre fica, há uma noiva velhota, sarilhos, complicações, as diabruras costumadas de Anny, etc... E pôsto isto, estou capaz de pôr a concurso este lugar de contador de argumentos, entre os leitores com vocação para mártires.



Esta curiosa fotografia em que vemos Albert Préjean rindo a bandeiras despregadas e Renée Saint-Cyr numa posição um tanto ao quanto falsa, é tirada do filme «TÓTÓ», uma graciosíssima comédia musicada realizada por Jacques Tourneur.



Esta é do filme «A ÁFRICA É ASSIM.....» uma hilariante caricatura dos filmes sobre as selvas africanas, que será exibido no Rivoli, no próximo dia 25. Entre os intérpretes é justo destacar Raquel Torres que faz o papel de Tarzana.



E esta última, representa Renée Saint-Cyr, a deliciosa intérprete de «Duas Orfãs» que em «TÓTÓ» nos dá uma interpretação magnífica.

2 grandes exclusivos
Castello Lopes
L I S B O A



Esta linda rapariga, cheia de um «charme» que —
é, pena, mas é assim! — só os franceses possuem,
é Claudie Clèves, vamos vê-la no filme «Tout pour
l'amour» apresentado em português por Castello
Lopes, com o título UMA CANÇÃO PARA TI.

BREVEMENTE VAMOS VER «GADO BRAVO»

Os exteriores de «Gado Bravo» já foram passados em Paris. Agradaram imenso a todos os que assistiram. Duma carta de Raul de Carvalho, o galã do filme, recordamos os seguintes períodos:

«Escrevo-te ainda impressionado pela passagem do nosso «Gado Bravo» (exteriores) que teve lugar há pouco, numa destas muitas salas de Paris.

É simplesmente um amor, meu caro Manoel. Uma beleza. Como fotografia, do melhor que tenho visto. Como acção, bem. Como enquadramentos, simplesmente estupendo. Tudo, tudo bem. O Arno, que é um «bicho» exigentíssimo, não fazes ideia como está contente. Éle, de facto está uma maravilha; é mesmo dos mais felizes. O Machado, ótimo. A Oli é uma beleza, não imaginas. Enfim, tudo bem. Estou muito contente e cheio de «ganas» para isto».

Isto é para nós uma alegria. No «Movimento», a «Gado Bravo» tem sido dado sempre um acolhimento amigo e carinhoso. Tanto eu como os meus camaradas temos afirmado muitas vezes a nossa fé e a nossa esperança, baseadas nas fotografias maravilhosas que temos visto e nos nomes escolhidos para colaborar no filme.

Já se falou largamente do argumento: Manoel Garrido (Raul de Carvalho) criador de gado bravo e cavaleiro tauromáquico, está noivo de uma rapariguinha simples, patricia sua, papel que Nita Brandão desempenha com toda a sua graça fresca e a sua deliciosa meninice. A vida corre-lhes cheia de alegria, no remanso quieto das grandes planícies ribatejanas, em que o gado pasta às manadas, livremente....

E um dia.... um dia a beleza complicada, preversa, sensual de uma cançonetista estrangeira envolve-se-lhes no destino.

O toureiro deixa-se prender no sortilégio embalador daqueles perfumados braços de loira mulher do norte, no sabor dos seus beijos que vão até ao fundo da alma, no calor das suas carícias de mulher para quem o amor não tem segredos nem dificuldades. Éste é o conflito sentimental do filme, caminhando em paralelo com o fundo psicológico: a luta entre a dignidade de um homem, a força da sua palavra, das suas recordações, do fundo mais íntimo do seu ser moral e sentimental, do seu amor à terra que o viu nascer e criar, que o ajudou a ser homem, e a feitiçaria enlouquecedora de uns olhos de mulher, de uns beijos de mulher, de uns abraços de mulher, a sede de aventura que todos nós temos dentro de nós e que tanto pode tornar-nos bandidos como heróis.

Este filme é realizado por António Lopes Ribeiro, cujo nome é simultaneamente uma garantia e uma responsabilidade.

E há, a esmaltar todos os quadros, as canções do poeta António Botto um dos mais curiosos temperamentos artísticos da poesia portuguesa de todos os tempos, um enamorado constante da beleza, que todos os dias busca e tão bem sabe criar e transmitir; há, nas canções portuguesas, Luís de Freitas Branco, músico ilustre de uma família de músicos ilustres; há, na direcção musical, Hans May de que nós vimos em Portugal tantos trabalhos bons; e há mais, na interpretação tantos nomes conhecidos, tantos nomes com provas dadas.

Pode, apesar disso «Gado Bravo» não ser um grande filme. Mas será pelo menos, uma auspiciosíssima estreia.

a u g u s t o a l c â n t a r a



Afinal, apesar de tôdas as intrigas, de todos os encantos, da belêsa e da elegância de Olly, Raúl de Carvalho prefere a graça ingênua de Nita Brandão.

Faz bem? Faz mal?

Devem as opiniões ser variáveis como os tempos. Mas seja como fôr, aqui o vemos na hora entre tôdas clara do seu noivado, sorrindo alegremente ao sol e à esperança, enquanto Nita, recatada e tímida sorri a mêdo...

O Impedido — Surreitadamente, com péssimos de lã, sem publicidade suficiente, o «Condes» apresentou-nos um filme esplêndido: «O Impedido». Tourjansky, o realizador admirável do «Volga-Volga», soube extrair do conto de Guy de Maupassant, «L'ordonnance», um cenário absolutamente cinematográfico sobre o qual construiu um filme cheio de qualidades, desde a beleza de certos quadros até ao ritmo de toda a película, num andamento certo com a natureza e desenrolar da história.

Logo de início somos surpreendidos pela sequência da mulher que depois de escrever uma carta de despedida ao marido, se suicida no banho cortando as veias com uma navalha de barba, e que é notável pelos prodígios de fotografia, pela atmosfera e pelo simbolismo de certas imagens.

Depois surge-nos a história, contada retrospectivamente numa sucessão admirável de belíssimas imagens, encadeadas com o melhor sentido cinematográfico.

O filme está recheado de numerosos pedaços de bom cinema, desde o ambiente de fascinação pela mulher do coronel quando ela sentada ao piano acompanha um oficial que canta, até à montagem perfeíssima da cena em que Saint-Albert persegue o cavalo de Helena que partira à desfilada.

Não quero deixar de salientar, todavia, a cena em que o regimento atravessa a aldeia e que é, para mim, a parte mais notável da fita.

A povoação dorme ainda. Nas ruas apenas algumas pessoas que passam para as suas ocupações, outras que abrem os seus estabelecimentos, uma vendedeira de hortaliça e um garoto que se lava num fontenário.

O regimento, que vem das manobras, aproxima-se. Os pregões dão lugar ao toque e ao tropel dos cavalos. A povoação anima-se. Às janelas aparecem raparigas sorrindo aos oficiais. E o regimento passa. Admirável a frescura destas imagens, onde se adivinha o orvalho duma manhã de sol.

Resumindo: «O Impedido» é um filme de que gostei sinceramente e que não hesito em aconselhar a todos.

Lamento não saber o nome do operador que nos apresentou, do princípio ao fim, uma fotografia invulgar.

Marcelle Chantal, encarnando uma beleza fim de século, vai admiravelmente. Jean Worms, Georges Rigaud e Paulette Dubost, bem. Saliente ainda a interpretação de Fernandel, um cómico extraordinário ainda pouco conhecido do nosso público.

Quem vai à Guerra — Francamente, não sei o que diga deste filme. As produções de Laurel e Hardy, sofrem todas do mesmo defeito; dois cómicos admiráveis prejudicados em geral por maus argumentos e realizadores medíocres.

«Quem vai à Guerra» é, como todos os

CRITICA DE FILMES

outros filmes do Bucha e do Estica, uma farça com cenas impagáveis e com outras monótonas.

Embora nunca nos cheguemos a aborrecer (e para isso basta a presença dos dois extraordinários cómicos) a verdade é que muito mais se poderia conseguir destes dois artistas. Um filme com certa piada... e mais nada.

O Espião de Veneza — O produtor Bruno Duclay tem uma decidida predilecção pelos argumentos complicados, ilógicos e incompreensíveis. Depois de «Estupefacientes» dá-nos o «Espião de Veneza».

E embora este seja cinematograficamente muito superior àquele, não passa no entanto da mediocridade, devido à infelicidade do argumento.

E depois, não se convençam que sêr espião, mesmo em tempo de paz, é levar aquela vida regalada de *un certain M. Grant*, viajando, gozando, dividindo o tempo despreocupadamente pelas mulheres e pelas partidas que fazia aos seus adversários.

É lamentável vêr gastar tão boa cêra como a fotografia (estupenda), como a notável realização de G. Lamprecht e como os admiráveis exteriores de Veneza, do Lido e de Roma com tão ruim defunto como é o argumento de «O Espião de Veneza».

Emfim: uma fita sem consequências e com exteriores bonitos.

Jean Murat, que nunca foi um grande actor, quasi sempre bem. Os restantes sem se salientarem.

Teodoro & Cia — O último filme de Pierre Colombier (e que, julgo, tem feito furor em Paris) é uma farsa inferior, sem espirito crítico, sem aquela graça tão subtil e tão franceza, medianamente realizada e com uma interpretação muito discutível.

Colombier, que no início do fonocinema prometia uma carreira brilhante, dando-nos êsse delicioso «Chiqué» e confirmando-se pouco depois com o «Rei dos Borlistas», tem-nos dado ultimamente umas fitazinhas inferiores, como «A melhor cliente» e como «Teodoro & Cia». Raimu, o grande actor francês, que nos deliciou nessa admirável peça filmada que era «Marius» (e digo «admirável peça filmada» porque como teatro era esplendida, ao passo que como cinema era uma lástima) continua a usar no écran os seus recursos de teatro, do que resulta uma interpretação que está longe de ser boa.

Albert Préjean, artista cuja sinceridade e simplicidade de processos já várias vezes tenho elogiado, tem neste filme uma actuação banal.

Decididamente, se falta René Clair ao cinema francês, vai tudo por água abaixo.

DO PORTO

Beijos para todas — Tenho muita pena de contrariar o velho amigo A. A. Pereira, mas eu continuo a partilhar da opinião de Charles Dekeuleire, Willem Rombants, e Paul Werrie, sobre Maurice Chevalier, expressa na «Reforma do Cinema»: «A opinião do barbeiro também tem certa importância: «eu vou ao cinema para passar uma hora agradável, para repousar dos trabalhos do dia e não para chorar ou fatigar-me. Eis porque Chevalier me satisfaz e me agrada». Ora Chevalier é um indício. O indício do embrutecimento do barbeiro e de todos os seus irmãos barbeiros, reinidos em sociedade...» E é assim mesmo. Todavia Chevalier não tem culpa.

E muito menos é o culpado de que, com êle, façam filmes ôcos, despidos de qualquer valôr humano e de qualquer beleza... como «Beijos para Todas».

Como quasi todos os filmes americanos, «Beijos para Todas» está bem construído, bem ordenado, mas para quê se tudo nêle é tam vasio e tam vulgar?... Ha todavia um valôr nêsse filme. É o miúdo, que não representa, que é sincero, que é um pedacinho de vida, risonho e encantador, no meio duma história falsa que corre e acaba o melhor possível no melhor dos mundos.

King-Kong — Parece que «King-Kong» foi uma grande desilusão para muita gente e mesmo alguns críticos, cujas opiniões foram ultimamente publicadas, confessam tristemente um desapontamento por que não esperavam. Não me surpreendo bem o desapontamento de alguns camaradas cujo «enfarinhamento» nestas coisas de cinema já os devia ter pôsto a salvo de surpresas deste género. A monumental publicidade que precedeu a chegada a Portugal do filme «King-Kong» nunca deveria ter sido tomada à letra.

É sempre preciso notar, como disse alguém cujo nome não recordo, que «no reino da «fada-luz» o sentido dos valores está irremediavelmente perdido». E é uma verdade. Bluff e cinema, hoje em dia, parecem sinónimos. E foi isso que levou um jornalista e escritor francês, que ao cinema tem prestado inteligente atenção, a escrever com desânimo: «le bluff est de rigueur, à telle enseigne qu'il n'y aura bientôt plus que cela».

E na altura em que êle fazia esta afirmação bem certa, ainda não tinham aparecido nem «Tarzan», nem «A Leste da Ilha de Borneo», nem «O Rei da Selva», nem «Caçá-los vivos», nem... «King-Kong»...

Hoje, mais do que então, aquêle reparo se torna justificado. «King-Kong» é puro bluff.

Merian C. Cooper imaginou e realizou, aproveitando uma ideia de Edgar Wallace, um filme monumental. Mas que esta palavra nos não leve a confusões. Se «King-Kong» tomou

as proporções dum monumento, pelo que custou em dinheiro e em trabalho, convém lembrar que ha monumentos que apesar das suas enormes medidas, nem são bonitos, nem bem feitos, nem servem para coisa alguma...

O argumento, que não pretende — e isso ainda é o que em parte lhe vale — ser mais do que uma fantasia, começa por incluir a actuação mais ou menos curta de animais de proporções assustadoras: diplodocus, dinosauros, brontosauros e outros bicharocos em «osauros», que disputam a um macacão formidável a posse duma rapariga que parece exercer, com seus encantos femininos, uma estranha influência sobre o rei Kong. (Aqui para nós, eu sempre gostava de saber para que diabo queria êle a rapariga...) E a história tódá, que quer levar-nos à conclusão de que a Fôrça não resiste à Beleza, não passa afinal duma série de disparates que nem sequer teem o mérito de ser originaes...

Para contar em imagens essa história, porém, puseram-se em jôgo muitas das possibilidades técnicas do cinema. «King-Kong» é, por assim dizer, mero trabalho de laboratório cinematográfico, em que todos os «trucs» tomam a sua parte. Daí chamarem-lhe pomposamente a «oitava maravilha da técnica». Bluff, afinal. Porque aqui, a técnica não representa mais do que um amontoado de disfarces sem valor artistico, uma custosa amostra de certas possibilidades materiais, de certas possibilidades «físicas» do cinema. De resto, essas enormes possibilidades foram desperdiçadas. A ilusão nem sempre é perfeita e os bicharocos pré-históricos, mexendo-se aos arrancos, com movimentos mecânicos e pouco naturais, não vão, em perfeição, além do que Ladislau Starevitch conseguiu com os seus maravilhosos bonequinhos articulados... Além disso, juntaram tantas coisas horrorosas que a emoção desaparece por completo para dar lugar ao riso... E não ha destas «maravilhas de técnica» que resistam ao ridículo... por maiores que sejam os bichos, por mais terríveis que sejam os seus combates e perseguições, por maior que seja a gritaria...

O melhor que o filme encerra é justamente o que tem de mais simples. Refiro-me à chegada do vapor à ilha, ao ambiente de emocionante expectativa perante o desconhecido, à passagem do barco nesse mar perigoso que um nevoeiro cerrado envolve. O resto... é a «oitava maravilha da técnica»...

A oitava maravilha da técnica! Ninguém se lembrou de chamar tal coisa a «Ruas da Cidade» (aponto só este exemplo) e, todavia, que diferença!!... Na verdade, o sentido dos valores está irremediavelmente perdido!

Grande-Hotel — A crítica a este filme já está feita. Chamo apenas a atenção para o facto de nos ter sido apresentada uma versão em «dubbing» em francês, o que é deveras lastimável.

Primeiro porque se perde 50 % do valor da interpretação: as vozes soam falso, separadas das imagens, como que vindo de planos diferentes daqueles que estamos vendo. É desagradabilíssimo. Segundo, porque não se falando francês em Portugal não ha justificação que admita a substituição dos filmes originaes pelos seus «dubbings» naquela língua.

Senhores distribuidores: não queremos mais filmes em dubbing! Queremos as versões originaes dos filmes que nos apresentem! Quantas vezes será preciso repetirmos isto? Oxalá esta seja a última.

Estação de Serviço

SALA DE ESPERA

Tenho recebido ultimamente bastantes pedidos de explicações sobre o brinde que concedemos a todos os nossos assinantes, por meio dos livros de cheques que lhes são enviados logo que esteja efectuado o pagamento da sua assinatura. Trata-se do seguinte: A todos aqueles que nos prestam o seu concurso efectivo, isto é, que assinam «Movimento», concedemos O DIREITO DE ASSISTIR, ABSOLUTAMENTE DE GRAÇA, NO CINEMA QUE MAIS LHE CONVENHA, A SESSÃO CUJO PROGRAMA MAIS LHE INTERESSE. Eis a mecânica deste brinde: Cada assinante recebe um livro de cheques. Este livro conterá tantos cheques quantos os números de «Movimento» para que tenha sido feita a respectiva assinatura, compreendendo a sua numeração 500 NÚMEROS, ou seja: de 1 a 500; de 500 a 1000; de 1000 a 1500; etc... «Movimento» sai regularmente todos os dias 1 e 15 de cada mês. Aquêles dos nossos assinantes cujo livro de cheques compreenda, na sua numeração, o número a que foi atribuído (na extracção do sábado seguinte à saída do último número de «Movimento») o primeiro prémio da Lotaria da Santa Casa da Misericórdia, terá o direito, de em troca do cheque correspondente, receber na nossa redacção uma entrada de 1.^a plateia (ou o seu custo em dinheiro) para a sessão que mais lhe convenha e para o cinema que mais lhe agrade. Os assinantes que vivem fóra do Pôrto farão a troca dos cheques pelo correio.

Como vêm é simplíssimo.

EXPEDIENTE

JOÃO DE SOUSA — À sua outra carta já respondi no número anterior, como deve ter visto. Robert Flaherty não é actor. Foi o realizador de dois filmes admiráveis que vimos ha muitíssimo tempo: «Nanouk» e «Moana». Lembra-se dêles? Marta Eggerth mora em Berlin W., Kurfürstendamm 136, Alemanha. Escreva-lhe em alemão.

ELISSEN V — Se você lêsse atentamente esta secção, já deveria ter visto que a resposta à sua carta anterior foi publicada no número 9... Suponho que Manoel de Oliveira não atende pedidos de fotografias, todavia, se quiser, escreva-lhe por nosso intermédio. Sobre os cheques, leia o que digo na «Sala de Espera».

UM CINÉFILO VERDADEIRO — «A Canção de Lisboa» é um filme fraquinho. A minha opinião coincide com a crítica publicada em «Movimento». O realizador de «Os Três Mosqueteiros» foi Henry Diamant Berger. Então você ficou surpreendido por termos dado de verdade as assinaturas prometidas? É para que veja que não estamos aqui para vigarizar ninguém. A sua admiração por ter ganho um dos prémios do concurso e o estar recebendo, é para nós uma lisonja indirecta. Até breve.

O REI DA CINELÂNDIA — Respondi à outra carta no número anterior. Vocês, aqui, não podem ter pressa. A todos chegará a sua vez, mas tenham paciência e esperem um bocado.

CINÉFILO ARREBENTADO — Se eu fizesse um concurso de pseudónimos, você ficava

reprovado, pelo mau gosto e falta de imaginação que revela. Com que então o meu amigo não quer nada menos do que «uma lista de todos os filmes sonoros que vieram ao Pôrto, desde a inauguração do fonocinema, e a menção dos dois principais interpretes de cada um desses filmes»?!! Ouça lá: e você não quererá também a Torre dos Clérigos, ou a ponte D. Luiz ou o cavalo do D. Pedro IV?... E eu a dizer que você não tinha imaginação... Olhe amigo, o que você quer nem por 50\$00 lho faça... tire daí o sentido.

O PRINCIPE NEGRO — Então como vai você? Estamos agora no melhor da temporada. Até ao fim de Fevereiro os filmes de maior categoria vem de enfiada e este ano, como temos duas produções portuguesas, estes meses tornar-se-ão «históricos». E oxalá comecem agora chegando os bons filmes, porque esta época tinha começado muito desanimada. No momento em que escrevo ainda não vi «Grande Hotel», não podendo porisso dizer-lhe nada sobre esse filme. O Fernando, no número anterior, fazia a critica e como nós estamos quasi sempre de acôrdo, faça minhas as palavras dêle. Os protagonistas de «King-Kong» são Fay Wray e R. Armstrong. A carta para Mlle. Insensível seguiu no mesmo dia em que a recebi.

CINÉFILO AUDAZ — E porque não hei-de ter muito prazer em o incluir no número dos habituais visitantes desta secção? Creia que não me aborrece nada se continuar a escrever-me regularmente. Quando este número sair já «King-Kong» foi estreado. Para Greta Garbo escreva para a Metro-Goldwin-Mayer Studios, Hollywood, Calif., U. S. A.; pode dirigir-se em qualquer lingua mas será preferivel fazê-lo em inglês.

CARLOS GOMES — Sobre os cheques leia o que digo na «Sala de Espera». Ai vão as direcções que pede: Annabella — 19 rue Chauzy La Varenne S. Hilaire (Seine), França; Jenny Jugo-Charlottenburg, Kaiserdamm 29, Berlin; Beatriz Costa — Grande Hotel da Batalha, Pôrto.

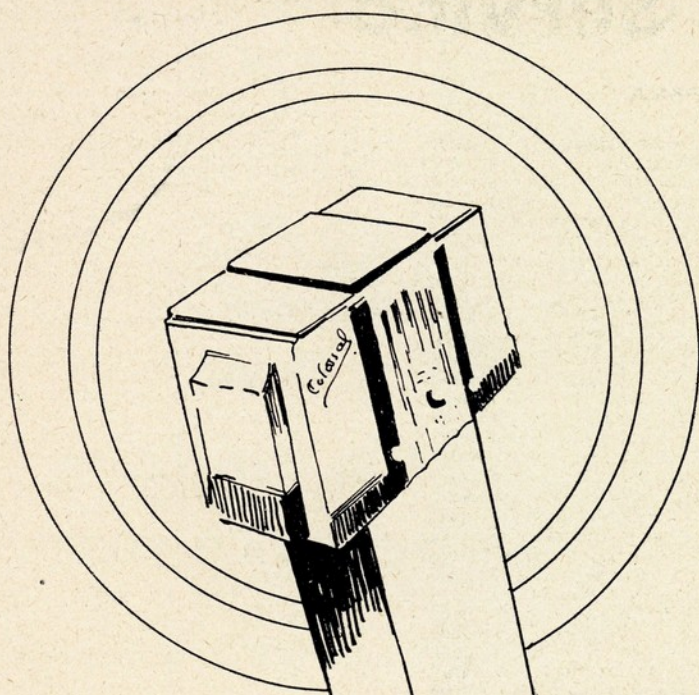
UM CINÉFILO VERDADEIRO — Obrigado por me ter mandado o programa do cinema da Foz. Aquilo não é descaramento. É ignorância e estupidez... «Happy-end» quer dizer, à letra, fim feliz. Diz-se que um filme termina com um «happy-end» quando as coisas terminam às mil maravilhas, com casamento dos heróis, beijo em grande plano, etc... Não me aborrece nada pode continuar a escrever com assiduidade.

APARTADO N.º 13

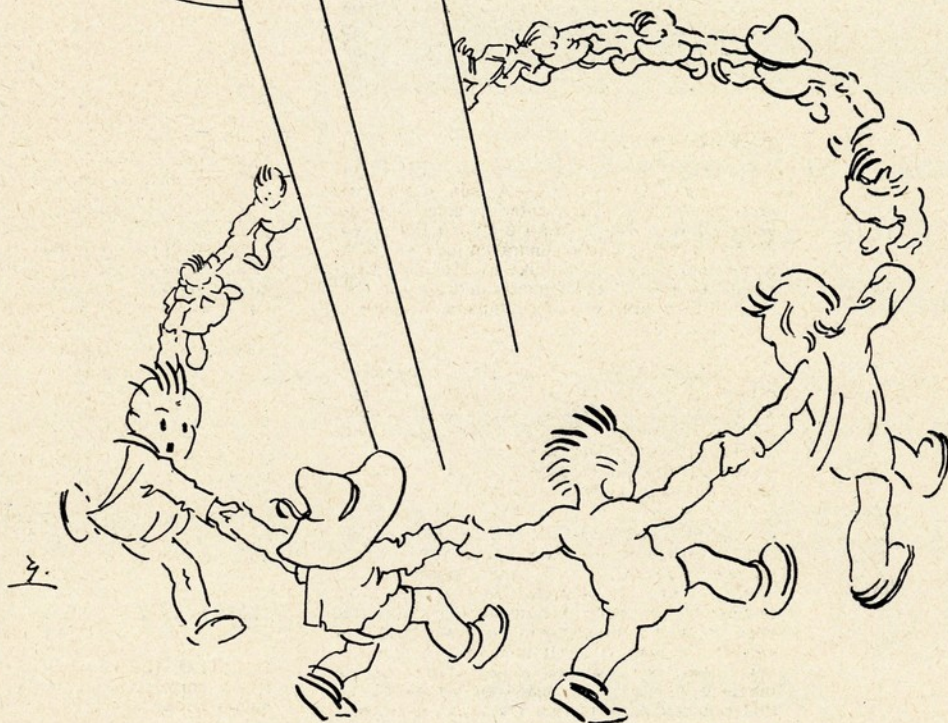
CINÉFILO AUDAZ (Marinha Grande) — Deseja trocar correspondência com leitoras do «Movimento» e em especial com «Uma Feia».

REI DA CINELÂNDIA (Pôrto) — Deseja travar conhecimento com cinéfilas, oferecendo-se para as acompanhar ao cinema, às matinées.

MARIA DO CÉU — Deseja trocar correspondência com «Príncipe de Pickfair».



**Um aparelho
pequeno que
é um grande
aparelho.**



Sociedade Comercial Luso Americana, L.^{da}

**Rua da Prata, 145
LISBOA**

**R. Sá da Bandeira, 339
PORTO**



**As casas, em Samora-Correia estão
nêste lindo estado, porque lá se
não vende**

MURALINE
TINTA A ÁGUA

MÁRIO COSTA & C.A, L.DA
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º
TELEFONE, 2571 — PORTO

150...

receptores radiotelefónicos

CROSLEY

M O D E L O 1 9 3 4

acabam de ser despachados
na alfandega do Pôrto

Um receptor CROSLEY será o melhor e mais apreciado
presente para o

NATAL

Comprando um CROSLEY para 1934
V. Ex.^{as} compram um receptor para 1936

Os receptores CROSLEY modelo 1934 foram construídos obedecendo a uma
técnica diferente o que representa um avanço de 2 anos na industria de radio

**Fixe bem: CROSLEY é um CROSLEY
e não um vulgar receptor**

Distribuidores exclusivos:

CASA FORTE S. A. R. L.

Rua Sá da Bandeira, 281 e Rua Santa Catarina, 20 — Telefone 2425 — P O R T O

Ouçam o Posto Emissor C. S. I C. F. CASA FORTE



NATAL

OS MAIS
MODERNOS
JOGOS E
OS MAIS
BONITOS
BRINQUEDOS

PARA QUE A
SUA ÁRVORE DE
NATAL FIQUE
COMPLETA TERÁ
DE SORTIR-SE NA
MAIOR CASA DA
ESPECIALIDADE.

GRANDE BAZAR DO PORTO, L.^{DA}

R. Santa Catarina, 192 a 198 e 206 a 208—PORTO — R. Augusta, 150, 152—LISBOA

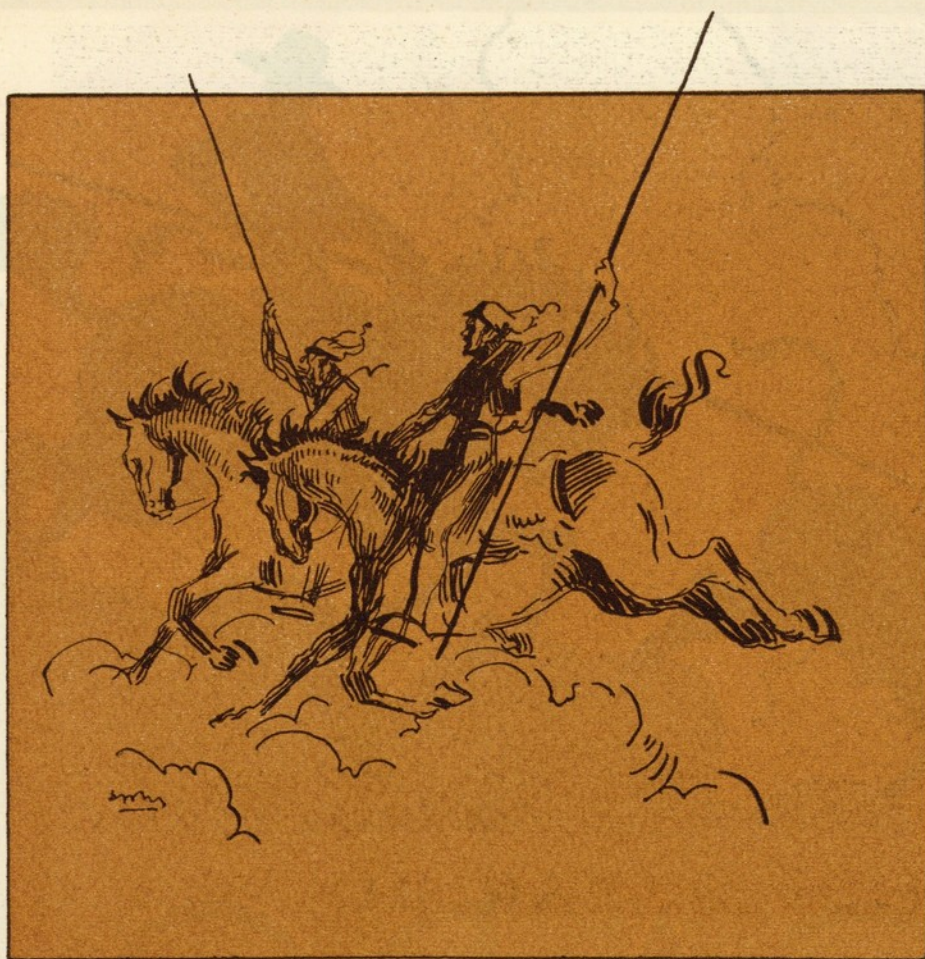
Fábrica Nacional de Relógios

A BOA REGULADORA

Vila Nova de Famalicão

Madeiras para construção,
completamente sêcas

Relógios de precisão, à venda
em todas as relojoarias do país



**EM JANEIRO
VEREMOS**

Gado Bravo

Produção do BLOCO H. DA COSTA

Realização de António Lopes Ribeiro



GADO BRAVO

grande filme português